

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 31, p. 1-16, jan.-dez. 2024 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.44017</p>	

MÍDIA E CULTURA

Questões de gênero nos grupos bolsonaristas no WhatsApp

Gender issues in Bolsonaroists groups on WhatsApp

Cuestiones de género en grupos bolsonaristas en WhatsApp

Guilherme Popolin¹

orcid.org/0000-0002-8904-8646
gpopolin@id.uff.br

Leticia Sabbatini¹

orcid.org/0000-0001-6969-1960
leticiasabbatini@id.uff.br

Rayza Sarmento²

orcid.org/0000-0002-9817-7941
rayzasarmento@gmail.com

Recebido em: 5 nov. 2022.

Aprovado em: 14 jul. 2023.

Publicado em: 11 jan 2024.

Resumo: Este paper investiga a disseminação de discursos depreciativos envolvendo questões de gênero em grupos conservadores no aplicativo de mensagens WhatsApp. A reflexão teórica aciona as recentes discussões sobre o conservadorismo de gênero e o papel do WhatsApp como plataforma de compartilhamento desses discursos, à luz de Biroli *et al.* (2020), Chagas *et al.* (2019), Santos *et al.* (2021), Faludi (2009) e Brown (2019). Por meio de uma análise qualitativa de uma amostra de mensagens de 70 grupos bolsonaristas, evidenciamos como argumentos antifeministas e antiLGBTQIA+, a construção da mulher violenta/traidora e a elaborações sobre a mulher ideal endossam uma concepção conservadora das relações de gênero.

Palavras-chave: conservadorismo; WhatsApp; gênero.

Abstract: This paper investigates the dissemination of derogatory speeches involving gender issues, in conservative groups, in the WhatsApp messaging application. The theoretical reflection triggers recent discussions on gender conservatism and the role of WhatsApp as a platform for sharing these discourses, in the light of Biroli *et al.* (2020), Chagas *et al.* (2019), Santos *et al.* (2021), Faludi (2009) and Brown (2019). Through a qualitative analysis of a sample of messages from 70 Bolsonaroist groups, we evidenced how anti-feminist and anti-LGBTQIA+ arguments, the construction of the violent/traitorous woman and the elaborations on the ideal woman endorse a conservative conception regarding relationships of gender.

Keywords: conservatism; WhatsApp; gender.

Resumen: Este trabajo investiga la difusión de discursos despectivos que involucran cuestiones de género, en grupos conservadores, en la aplicación de mensajería WhatsApp. La reflexión teórica desencadena discusiones recientes sobre el conservadurismo de género y el papel de WhatsApp como plataforma para compartir estos discursos, a la luz de Biroli *et al.* (2020), Chagas *et al.* (2019), Santos *et al.* (2021), Faludi (2009) y Brown (2019). Mediante un análisis cualitativo de una muestra de mensajes de 70 grupos bolsonaristas, evidenciamos cómo los argumentos antifeministas y anti-LGBTQIA+, la construcción de la mujer violenta/traidora y las elaboraciones sobre la mujer ideal avalan una concepción conservadora en cuanto a las relaciones de género.

Palabras clave: conservadurismo; WhatsApp; género.

Introdução

O conservadorismo de gênero se manifesta de diversas formas. Discursivamente, são reivindicados enquadramentos pejorativos para certos grupos, sobretudo, mulheres. Seja reforçando um padrão de mulher ideal, disseminando discursos contrários às reivindicações feministas, negando distintas identidades de gênero ou, ainda, indicando



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Pará, (UFPA), Belém, PA, Brasil.

uma suposta agressividade no comportamento de algumas mulheres. Essas estratégias podem ser observadas neste artigo.

Os trechos a seguir – retirados de grupos bolsonaristas no WhatsApp³ – são parte da base de mensagens aqui analisada, correspondendo a conteúdos textuais que se manifestam sob a forma de interações políticas no aplicativo em questão: “‘Geração de ouro as mulheres sabiam se vestir e se comporta (sic); ‘Estes impositores de gêneros estão extrapolando a base do respeito há todos nós.’; ‘A mulher que teme ao Senhor, essa será louvada”.

Diante da onda conservadora transnacional (Biroli *et al.*, 2020) que assolou o mundo nos últimos anos, sobretudo pela instrumentalização das plataformas sociais online (Chagas *et al.*, 2022; Chagas, 2021; Nicolau, 2020; Popolin, 2023), este artigo investiga de que forma os grupos bolsonaristas utilizam o WhatsApp para promover o conservadorismo de gênero, evidenciando os discursos predominantes nessas interações. A partir de uma análise qualitativa sobre mensagens que acionam os termos “mulher” e “gênero”, busca-se refletir sobre os argumentos difundidos na rede bolsonarista no referido aplicativo de mensagens.

A investigação proposta é imprescindível a fim de compreender como a erosão democrática ocorrida a partir de 2016, especialmente em 2018, está relacionada ao discurso contrário às demandas progressistas das mulheres. Considerando as *affordances* do WhatsApp (Chagas *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2021), como a opacidade da plataforma e a sensação de privacidade conferida às mensagens e interações, é necessário examinar como tais características contribuem para a disseminação de conteúdos violentos e preconceituosos, respaldados pela percepção de privacidade. Assim, questionamos: como a plataforma WhatsApp é utilizada como meio de disseminação e fortalecimento do conservadorismo de gênero pelos grupos bolsonaristas?

Assim, analisando de modo qualitativo cerca

de 210 mensagens que circularam por estes grupos no último trimestre de 2021, exploramos as três principais chaves-temáticas das mensagens: antifeminismo e antiLGBTQIA+ (51%), construção da mulher violenta/traidora (22%) e elaborações sobre a mulher ideal (13%). Embora recortes relacionados à sexualização de corpos femininos também tenham aparecido nas mensagens analisadas, optamos por esmiuçar as discussões presentes nas três categorias mais recorrentes.

Sugerimos, a partir destas mensagens, que as estratégias discursivas acionadas nestes grupos recorrem a constantes divisões entre o que seria uma mulher de verdade – feminina, cristã, cisheterossexual etc. – e tudo aquilo que nega este ideal, como feministas, mulheres com diferentes identidades de gênero ou mulheres interesseiras, violentas e traidoras, por exemplo. Há, portanto, a construção de um interessante lugar para as mulheres nestes grupos: aquelas que corroboram com caracteres tidos como ideais são aceitas, todo o resto, por sua vez, constitui um desvio, um alerta do que não ser.

Nesse sentido, os ataques aos direitos conquistados por mulheres e pessoas LGBTQIA+ e retrocessos na implementação de políticas públicas pelo governo Bolsonaro (Vasconcelos, 2019; Pereira, 2022; Feitosa, 2021) apontam para a importância de se entender a problemática proposta neste artigo, sob à luz da Comunicação Política. Os resultados aqui presentes contribuem para uma reflexão crítica sobre os impactos do conservadorismo de gênero no contexto político e social no Brasil contemporâneo.

Além desta introdução, este *paper* está dividido em três seções, contando ainda com as considerações finais. A primeira seção explora a agenda conservadora de gênero, contextualizando-a dentro dos processos de erosão democrática e retrocessos na implementação de políticas públicas. Em seguida, discute-se o contexto das interações políticas no WhatsApp e as *affordances* do aplicativo. Nas seções de metodologia e análise, apresentam-se os procedimentos meto-

³ As transcrições dos trechos das mensagens serão aqui reproduzidas exatamente conforme foram encontradas nos respectivos grupos de WhatsApp.

dológicos adotados para a realização da pesquisa e a interpretação dos dados coletados de acordo com o arcabouço teórico.

1 Discursos públicos e conservadorismo de gênero

Nas duas últimas décadas a agenda feminista, como o conjunto de demandas interseccionais voltadas à redução da desigualdade de gênero, conseguiu importantes conquistas na América Latina e, em particular, no Brasil. Elas vinham sendo expressas por legislações mais severas para punir crimes de gênero, criação de ministérios de mulheres em âmbito federal em diversos países, ativismos plurais e pulsantes e a progressiva entrada de mulheres em cargos eletivos e na burocracia (Matos; Paradis, 2016; Biroli, 2018a).

Na mídia tradicional, ficaram mais frequentes as tentativas, ainda que operadas por estratégias de mercado, de se aproximar dos debates sobre gênero e sexualidade, tornando termos como "feminismo" e "empoderamento" bastante presentes no noticiário e no entretenimento. No âmbito da pesquisa acadêmica em Comunicação e Política, notou-se também um aumento considerável dos trabalhos sobre mídia e gênero, muito ligados à eleição, ao golpe contra a primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, e ao espraiamento das dinâmicas de ativismo feminista *online* (Sarmiento, 2020).

Embora com muitos desafios, era possível admitir que, no complexo campo público midiático, os debates sobre gênero vinham avançando. Miguel e Biroli (2011, p. 212) informavam, a partir de ampla pesquisa empírica sobre mulheres na política no início da década passada que, naquele momento, era "difícil encontrarmos [...] uma manifestação de repúdio à ocupação de posições públicas por mulheres". Ainda que a cobertura jornalística voltada às mulheres fosse reduzida, os autores mostraram como havia discursos e práticas que, ao menos publicamente, não faziam ou não cabiam mais no "campo do politicamente

dizível" (2011, p. 212). Em ampla pesquisa longitudinal (de 1921 a 2016) sobre a presença do feminismo no jornalismo de referência, Sarmiento (2017) também identifica mudanças significativas nos enquadramentos de sujeitos e temas ao longo das décadas, com cobertura mais crítica de processos que eram naturalizados, tal como a violência contra as mulheres e a presença múltipla de fontes feministas.

A mudança do cenário político nos últimos anos, sobretudo a partir da eleição de 2018 (Nicolau, 2020), tem mostrado como tais conquistas supracitadas estão sob constante ameaça. Os processos de erosão democrática vivenciados recentemente têm um forte componente anti-gênero. Os ataques aos direitos conquistados por mulheres e pessoas LGBTQIA+ e profundos retrocessos na implementação de políticas públicas têm sido marca de governos de ultradireita (Biroli, *et al.*, 2020; Brown, 2019; Correa, 2021).

Essas ameaças se voltam à crítica tanto dos movimentos sociais articulados em torno dessas pautas, quanto ao campo de conhecimento científico construído a partir de tais debates (Biroli, 2018b). Mais do que isso, também se opõem diretamente à existência desses sujeitos. Basta lembrar repetidas declarações do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, tal como a que emitiu quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu a favor da criminalização da homofobia: "Prejudica o próprio homossexual, porque se o dono de uma empresa for contratá-lo, vai pensar duas vezes em fazer isso já que se fizer uma piada isso pode ser levado para a Justiça".⁴

A piada como forma de interação estabelecida com pessoas homossexuais é, assim, normalizada pelo chefe máximo do Executivo e a possibilidade de não poder continuar realizando-a se torna o ponto principal do argumento do presidente. Argumento este que se ancora na chamada "retórica da brincadeira política", estratégia que oblitera o caráter violento de certas falas ao se ancorar na justificativa de que seria "apenas uma brincadeira"

⁴ VITELA, Pedro Rafael. Bolsonaro critica decisão do STF de criminalizar homofobia. In: *Agência Brasil*. Brasília, 14 jun. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-06/bolsonaro-critica-decisao-do-stf-de-criminalizar-homofobia>. Acesso em 2 fev. 2022.

(Chagas, 2023). Mesmo revestidas de piada, tais falas carregam intenções e construções políticas, “afinal, o humor é empregado, muitas vezes, para comunicar ressentimentos políticos e obliterar resistências” (2020, p. 12).

Frases jocosas e de duplo sentido vindas do presidente também se direcionaram à imprensa repetidas vezes, em especial, às jornalistas mulheres. Sobre Patrícia Campos Mello e sua investigação acerca dos grupos de apoiadores e a circulação de *fake news*, Bolsonaro afirmou: “Ela [repórter] queria um furo. Ela queria dar o furo” (Melo, 2020, p. 83). Em *Máquina do Ódio*, a jornalista elenca diversas situações em que tais declarações foram seguidas de várias mensagens de homens bolsonaristas, xingando-a dos mais diversos termos com cunho depreciativo às mulheres.

A aversão à existência e aos direitos de diversos grupos sociais não são características exclusivas da ultradireita brasileira. Um compilado de discussões em diversos países mostra como é possível entender esse direcionamento como uma “cola simbólica” importante para reunir reivindicações dos diversos grupos de caráter conservador, especialmente religiosos de diferentes vertentes (Kováts; Pöim, 2015).

Nesse sentido, para além das dimensões econômicas (especialmente, de defesa do livre mercado e diminuição do estado na perspectiva neoliberal) e da eleição de líderes populistas, é preciso observar as dinâmicas do conservadorismo nas relações sociopolíticas ordinárias. Essas, de acordo com Biroli *et al.* (2020, p. 25), se expressam a partir de “forte regulação da moralidade sexual”, em defesa de papéis de gênero heterossexuais e da família tradicional. Na América Latina, alerta Correa (2021), esses elementos se juntam a uma violência estrutural, percebida de forma flagrante em nosso país, junto de um contínuo processo de empobrecimento que encontra na teologia da prosperidade e no apego a valores tradicionais uma saída possível.

Diante da influência do neoconservadorismo na formação das subjetividades, Brown (2019, p. 210) sustenta ser possível observar, nos processos

políticos enredados pelo nacionalismo conservador, a figura da “masculinidade branca ferida”, que age “atacando e destruindo enquanto culpa seus objetos de chacota pela ruína dos valores e da ordem tradicional”. Nicolau (2020), ao se debruçar sobre os dados relativos ao gênero do eleitorado brasileiro e à votação em Bolsonaro, afirma que essa combinação ainda carece de mais explicações em terreno nacional. É nessa esteira que buscamos realizar a pesquisa a seguir, entendendo como tais discursos se expressam nos grupos de WhatsApp de apoiadores de Bolsonaro, em um momento de mudanças sobre o “politicamente dizível”.

2 Interações políticas no WhatsApp

A relação entre *internet* e política pode ser observada a partir de diversas perspectivas, sendo uma destas a mobilização de plataformas digitais para fins políticos. Compreendendo que as plataformas reúnem um conjunto de aspectos tecnológicos, computacionais, culturais, políticos e econômicos (Van Djick *et al.*, 2018), é perceptível que suas funcionalidades são apropriadas pelos sujeitos, não raro, de modo tácito e coletivo (D’Andrea, 2021).

Desta relação surgem diversas apropriações para fins políticos, seja a partir de reivindicações indexadas a uma *hashtag* no Twitter (Soares, 2020; Chagas *et al.*, 2022); seja por meio de vídeos com caráter ativista e/ou eleitoral no YouTube (Sampaio *et al.*, 2021). No Instagram, postagens confeccionadas por partidos políticos populistas apresentam um alto engajamento (Larsson, 2021), enquanto o Facebook possibilita diferentes caminhos para que cidadãos e governos interajam (Carreiro; Gomes, 2017), hospedando, por exemplo, *chatbots* políticos (Sabbatini, 2022).

Com o WhatsApp não é diferente. Lançado em 2009, a plataforma é utilizada para enviar mensagens de texto, fotos, vídeos, documentos e áudios, além de possibilitar a realização de chamadas telefônicas e transferências financeiras. Protegidas por criptografia, as mensagens podem ser enviadas a contatos individuais, a grupos com até 256 participantes (privados e

públicos) e a listas de transmissão. Em 2018, cerca de 120 milhões de brasileiros utilizavam a plataforma (Santos, 2019); atualmente, estima-se que o aplicativo de mensagens esteja presente em 99% dos *smartphones* (Lima, 2020).

Atuando como a principal fonte de informações dos brasileiros, conforme pesquisa de 2020 realizada pelo Congresso Nacional, o potencial político do WhatsApp pode ser vislumbrado pelo menos desde 2014 (Santos; Santos, 2019). Contudo, a mobilização política do aplicativo se destacou, principalmente, a partir das eleições de 2018, uma vez que o WhatsApp protagonizou a campanha presidencial no Brasil. Grande parte deste destaque se deve à estratégia do então candidato Jair Bolsonaro, que acionou um complexo ecossistema de grupos no aplicativo, constituindo a chamada rede bolsonarista no WhatsApp (Chagas, 2021; Nicolau, 2020).

Ao analisar cerca de 120 grupos bolsonaristas em 2018, Chagas (2019) indica que a sua dinâmica de atuação política é calcada em aspectos como a divisão por vertentes e temáticas ideológicas, existindo, assim, os grupos monarquistas, olavistas, militares, religiosos etc. A oposição aos petistas e a tudo que é considerado uma "bandeira" petista seria, conforme Santos e Santos (2019), o "guarda-chuva" que uniu estes diferentes grupos. Pode-se dizer, então, que estes grupos compartilham de algumas agendas ideológicas, ainda que não sejam homogêneos entre si.

A ampla penetração entre a população – en-dossada pela prática de *zero-rating* (Evangelista; Bruno, 2019) e pela criptografia de ponta a ponta – garantiu a vasta capilarização da rede bolsonarista. Ademais, o WhatsApp apresenta dinâmicas e lógicas próprias (Chagas *et al.*, 2019; Santos *et al.*, 2021), como a possibilidade de os conteúdos serem replicados a uma velocidade significativa, em poucos minutos. Não por acaso, diversas *fake news* adquiriram uma alta capilaridade e uma forte circulação nestes grupos (Dourado, 2020).

Uma característica importante nesta relação advém do *modus operandi* de circulação de muitas mensagens no aplicativo, o que faz com que o WhatsApp atue como um "hub" para outras

plataformas, a partir, por exemplo, da circulação de *links* que direcionam os sujeitos para sites de notícias inconsistentes e/ou falsas ou ainda para outras plataformas, como o YouTube (Chagas, 2021; Mont'alverne; Mitozo, 2019; Massuchin *et al.*, 2021). Trata-se, pois, de um Sistema Híbrido de Mídias, nos termos de Chadwick (2007).

Contudo, embora se constitua de modo interligado a outras plataformas e sites, o WhatsApp se destaca destes por caracteres como a opacidade. Diferentemente de outras plataformas sociais, os sujeitos não podem criar perfis públicos no WhatsApp, tampouco ter acesso a métricas sociais. Ademais, não é possível identificar a trajetória dos conteúdos e/ou como se conformam as redes de diversos e diferentes grupos (Chagas *et al.*, 2019; Evangelista; Bruno, 2019; Moura; Michelson, 2018). A opacidade, que é benéfica quando pensamos na privacidade de mensagens (Piaia; Alves, 2020), carrega, então, o ônus da falta de transparência a partir do momento em que a plataforma se transforma em arena para o debate público.

A estes aspectos soma-se a supracitada constituição dos grupos a partir de agendas ideológicas, conformando espaços seguros, protegidos por criptografia e que conferem uma sensação de privacidade e pertencimento. É estabelecida, como indica Chagas (2021), uma relação entre as *affordances* do WhatsApp e o acirramento ideológico das mensagens circuladas por grupos bolsonaristas. Sendo assim, o caráter de intimidade e os entraves para o rastreamento do que é compartilhado no aplicativo possibilitam a circulação de conteúdos controversos, violentos e preconceituosos, especialmente por conta de os grupos reunirem pessoas que compactuam com os mesmos ideais e que estariam resguardadas pelo teor íntimo e privado do WhatsApp (Massuchin *et al.*, 2021; Valeriani; Vaccari, 2018).

A esse respeito, vale dizer que muito antes do WhatsApp, os problemas desta configuração já vinham sendo indicados, sobretudo, pela teoria política feminista, uma vez que o caráter privado de algumas relações contribui para a autorização e a normatização de certas violências, como aquelas ocorridas no seio familiar contra mu-

lheres, idosos e/ou crianças, por exemplo (Okin, 2008; Biroli, 2015). Levando isso em consideração, a sensação de privado conferida, neste caso, pelo WhatsApp contribui para a circulação de opiniões preconceituosas e violentas que escancaram, em um ambiente seguro e entre os seus, aquilo que se procura esconder, minimamente, da sociedade como um todo: a misoginia, a LGBTQfobia, o racismo, o capacitismo etc.

Além de ser uma forte bandeira da rede bolsonarista, o conservadorismo de gênero, ao qual nos voltamos neste artigo é, portanto, legitimado nestes grupos, sendo explicitado a partir de uma faceta violenta: do chamado "kit gay" à suposta mamadeira com formato fático, passando, ainda, pelas "feminazis peludas" e pela objetificação e sexualização (Sabbatini, 2020). Tendo isso em vista, focamos em mensagens textuais que, circuladas pela rede bolsonarista no WhatsApp, enquadram mulheres de forma pejorativa e violenta, pretendendo, desse modo, observar os discursos que, marcados pelo conservadorismo de gênero, circulam na plataforma.

3 Metodologia

O presente artigo foi idealizado a partir do monitoramento periódico de grupos públicos de discussão política pró-Bolsonaro no WhatsApp. O monitoramento é realizado como atividade regular pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB), na Universidade Federal Fluminense (UFF).⁵ Sendo assim, monitoramos grupos pró-Bolsonaro, encontrados a partir de *links* públicos que circulam nas plataformas sociais ou em *websites* indexados ao Google. Em um primeiro momento, com o objetivo de reunirmos um número considerável de grupos, empregamos o método "bola de neve", até chegar em um ponto de saturação, resultando em um total de N=70 grupos.

Em seguida, após entrarmos nos grupos, com

um aparelho *smartphone* destinatário, prosseguimos com a pesquisa encoberta, uma vez que, à luz de Chagas *et al.* (2019), compreendemos que tais grupos representam ambientes hostis às pesquisas acadêmicas das Ciências Humanas e Sociais. Empreendemos a observação empírica e a exportação manual de todas as mensagens textuais referentes aos meses de outubro, novembro e dezembro de 2021, formando um *dataset* de dados brutos no formato TXT.

A escolha para a construção da amostra levou em consideração a emergência de um dos últimos acontecimentos públicos do ano de 2021 relativo às questões de gênero que havia mobilizado Bolsonaro e seus apoiadores: o veto presidencial à distribuição gratuita de absorventes a meninas de baixa renda, estudantes de escola pública.⁶ Nesse sentido, sugere-se que esta pesquisa também possa ser realizada e replicada em outras temporalidades, dada as já mencionadas sucessivas declarações e ações do ex-presidente e de membros do alto escalão do governo. Importante destacar, também, que o acontecimento se dá em ano não eleitoral, dado que no contexto de disputas eleitorais a comunicação política assume outras nuances.

A partir do *dataset* no formato TXT, com o editor Notepad++ e padrões de Regex (expressão regular), extraímos todas as mensagens circuladas no período (N = 356.262), para depois formarmos um *corpus* apenas com as mensagens que acionam os termos "mulher", "gênero" e suas respectivas formas plurais (N = 4.606). A partir do *corpus*, calculamos uma amostra com 95% de confiança e 5% de margem de erro, o que resultou em 355 mensagens – redução recomendada por Krippendorff (2004).⁷

Após a leitura de todas as mensagens da amostra, optamos por trabalhar com aquelas com conteúdo no qual as expressões "mulher" e "gênero" apareceram de forma explicitamente pejorativa, a fim de compreender quais os discursos

⁵ Expressamos nossa gratidão ao coordenador do coLAB, professor Viktor Chagas, e a todos e todas os(as) integrantes do grupo.

⁶ BOLSONARO veta distribuição de absorventes a estudantes e pessoas pobres. In: *Agência Senado*. [S. l.], 7 out. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/07/bolsonaro-veta-distribuicao-de-absorventes-a-estudantes-e-mulheres-pobres>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁷ Apesar do caráter exploratório deste trabalho, optou-se por reduzir o *dataset* a uma amostra – indicada para análises de conteúdo.

soos mais frequentes em desfavor de tais grupos. O *corpus* analisado qualitativamente se concentra em 210 mensagens – equivalente a cerca de 60% da amostra. Os 40% das mensagens descartadas acionam os termos supracitados, com enfoque diferente do que pretendemos discutir aqui, como notícias, correntes e comentários cujo contexto não é possível identificar com precisão.

Conforme retomamos nas seções iniciais, nesses grupos, a discussão sobre direitos das mulheres e mesmo o termo “gênero” são tidos como “alvos”, de modo a alimentar uma forte narrativa antifeminista a partir da retórica do medo (Sabbatini, 2020; Popolin, 2021a, 2021b). Nesse sentido, esta pesquisa se preocupa mais em evidenciar, academicamente, os veios discursivos sobre tais questões do que desvelar práticas desconhecidas.

4 Análise

Alguns eixos discursivos se destacaram neste

estudo. Dentre eles, a categoria que congrega argumentos anti-LGBTQIA+ e antifeminismo constitui o tema de maior incidência entre as mensagens com teor pejorativo, permitindo algumas discussões sobre como os grupos bolsonaristas no WhatsApp enquadram as reivindicações destes campos. A seguir, a Tabela 1 informa as frequências dos temas, explicitando como esta categoria representa mais da metade das mensagens analisadas. Além dos eixos, observamos que 52,88% das mensagens analisadas apresentam *links* direcionando para conteúdos externos, vários deles sendo de reconhecidos portais propagadores de *fake news*. Piadas explícitas aparecem em 6,73% do *corpus*. Já 17,31% dos textos apresentam argumentos e/ou termos religiosos; ao realizarmos cruzamento desta variável com as temáticas, percebemos que grande parte dos termos religiosos estão em mensagens categorizadas como antifeministas e anti-LGBTQIA+.

Tabela 1 – Frequência das categorias no *corpus* analisado

Tema principal	Frequência
Mensagens antifeminista e anti-LGBTQIA+	51, 90%
Mensagens sobre “mulher traidora ou violenta”	22, 38%
Mensagens sobre “mulher ideal”	13, 29%
Mensagens sobre sexualização das mulheres	10,00%
Outros	1, 43%
Total	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir da observação empírica e de uma leitura exploratória da amostra, analisou-se as mensagens por meio de três categorias analíticas: mensagens antifeministas e anti-LGBTQIA+; mensagens sobre “mulher traidora ou violenta”; e mensagens sobre “mulher ideal”. Esses eixos analíticos são fundamentais para a compreensão da proposta e objetivo central deste estudo.

Desse modo, ao explorar esses eixos temáticos nas interações políticas nos grupos bolsonaristas do WhatsApp, busca-se revelar como tais grupos mobilizam a plataforma para promover

o conservadorismo de gênero. Essas categorias refletem discursos e representações presentes nesses grupos, evidenciando o discurso de ódio e o preconceito direcionado a mulheres, LGBTQIA+ e a desconstrução de conquistas e demandas progressistas.

4.1 Mensagens antifeministas e anti-LGBTQIA+

Assim como aferido em investigações anteriores sobre o modo como mensagens circuladas

nos grupos bolsonaristas no WhatsApp acionam a população LGBTQIA+ (Popolin, 2021a, 2021b), na amostra desta investigação, fica evidente o entrelaçamento entre pânico moral e teorias da conspiração. Isso porque é notória a circulação de mensagens que colocam a população LGBTQIA+ como inimiga da família, das religiões cristãs e do Estado. Uma leitura diligente sobre a amostra evidencia a recorrente associação entre a reivindicação de direitos por essas pessoas e a suposta "ideologia de gênero", que teria como uma das consequências a destruição da família tradicional, colocando em xeque, de acordo com a visão de mundo conservadora, um dos mais importantes pilares da nação.

O termo "ideologia de gênero" não possui lastro científico. Segundo Junqueira (2017, p. 26), é uma "invenção católica", mobilizada como um embuste discursivo por grupos conservadores, a fim de dificultar o avanço dos direitos reprodutivos e sexuais (Clébar; Brasiliense, 2021; Lionço *et al.*, 2018). Observamos o acionamento do pânico moral (Cohen, 1972) e da conspiração (Girardet, 1987) como componentes discursivos que sustentam sobretudo as mensagens acerca da "ideologia de gênero" e da população transsexual e travesti. Tanto as mensagens que mobilizam o pânico moral quanto a conspiração têm em comum o medo em relação a um grupo que é percebido como desviante à moral conservadora, como exemplifica a mensagem a seguir, extraída da amostra analisada:

Depois de usar o banheiro feminino da escola, travesti espanca garota que se sentiu incomodada. Se as mulheres não se posicionarem serão estupidadas em breve dentro de banheiros femininos, inclusive a menina só não foi mais espancada quando chegou um homem e deu um chega p (sic) lá no outro homem.

À vista disso, mensagens como "travesti espanca uma estudante ao ser criticada por entrar em banheiro feminino" têm circulação recorrente. Em um dos casos, a menina supostamente agredida grita à presumida agressora: "você não é mulher". Fugiria do escopo desta pesquisa avaliar a veracidade do ocorrido, contudo, destacamos que o episódio é utilizado para ratificar o estereótipo

das travestis enquanto "homens que se vestem de mulher", além de serem pessoas violentas que precisam ser combatidas.

Há uma estratégia de utilizar repetidamente pronomes e adjetivos masculinos ao fazer referência às travestis, que são identificadas como uma identidade de gênero feminina. Isto posto, o não reconhecimento, por grupos conservadores, das identidades transsexuais e travestis, também justifica o posicionamento contrário à linguagem neutra, que é vista como uma imposição:

Estes impositores de generos estão extrapolando a base do respeito há todos nós. Vejamos, eu sou hetero e vou propor que se ensinem sexo hetero, posturas hetero de caminhar e se postar com as falas mais graves aos homens e mais agudas as mulheres e também postular vestimentas adequadas aos gêneros para a melhor identificação e sendo assim não se pode ser quem não é pra não ser enquadrado na falsidade ideológica... Estou exagerando ou sendo fóbico de alguma forma? Temos que parar com tudo isso, pois eu não aceito imposição seja lá qual for. Vcs me entendem? (sic)

Desse modo, a linguagem neutra, de acordo com uma das mensagens analisadas, é compreendida como "um dialeto criado supostamente para inclusão, mas que na verdade exclui minorias, e promove a ideologia de gênero através da subversão do português". Identificamos, à vista disso, elementos de uma conspiração (Girardet, 1987) quando as mensagens apontam que a linguagem neutra é uma criação com o intuito de subverter o português e promover a "ideologia de gênero", ou seja, criada deliberadamente com intenções escusas.

Nestas mensagens, verificamos a presença contumaz da ideia de que existe um conluio a fim de destruir a família tradicional. Os sentimentos de medo e ameaça gotejam sobre todo o campo progressista, visto como apoiador das pautas LGBTQIA+, uma vez que muitas mensagens são utilizadas para engajar seus interlocutores na luta contra um suposto inimigo, em muitos casos sintetizado em torno do Partido dos Trabalhadores (PT).

Um exemplo é a mensagem que diz: "Vereadora do PT que tentou impor ideologia de gênero em escolas agora quer criar conselho LGBTQIA+

em interior de SP". A mensagem é acompanhada por um *link* para o *website Terra Brasil Notícias*, conhecido por publicar notícias fraudulentas. O texto da matéria diz que a vereadora Paula Faria (PT), de Jaboticabal (SP), "tentou implementar a ideologia de gênero nas escolas", em referência a um Projeto de Lei (PL) que instituiria a "Semana da Diversidade LGBTQIA+" nas escolas do município.

Tanto este PL, quanto a solicitação para a criação do Conselho LGBTQIA+ não fazem menção à "ideologia de gênero", mas evidenciam a importância da integração e do acolhimento à parcela da população atendida pelo comitê. Todavia, seguindo o *modus operandi* dos grupos observados, as pautas defendidas por Paula Faria circularam como se a vereadora estivesse propondo a implementação da "ideologia de gênero", explicitando a associação entre o Partido dos Trabalhadores e a "ideologia" supracitada.

Garantir às pessoas LGBTQIA+ o direito à cidadania é visto como uma ameaça às crianças e à família, visto que, sob o viés conservador, "homem" e "mulher" são as únicas possibilidades de existência. Destarte, a "ideologia de gênero" funciona como um guarda-chuva que é mobilizado para invalidar o reconhecimento de direitos das pessoas LGBTQIA+; a discussão acerca da linguagem neutra; e a existência de sujeitos que não se enquadram em uma visão binária de mundo. O excerto abaixo sintetiza o modo como a "ideologia de gênero" é acionada nas mensagens analisadas:

Antes [do PT] existiam somente os gays, mas depois vieram: - LGB; - LGBT; - LGBTQ; - LGBTQ+; - LGBTQiA; - LGBTQiAP+; Que se resumem em lésbicas, gays, bi, trans, queer, intersexo, assexuais, aromântiques, agênero, pan, poli e muito mais... Hoje um indivíduo pode ser e se considerar o que ele quiser ser, conforme o que é pregado segundo os ensinamentos de Esquerda.

Como notamos, é recorrente a circulação de mensagens nos grupos bolsonaristas no WhatsApp que confrontam um presente corrompido pelo PT e pela esquerda. O sentimento de medo, advindo das pautas concernentes a grupos politicamente minoritários, é pulverizado sobre

todo o campo progressista, de modo que as mensagens analisadas são utilizadas para engajar seus interlocutores na luta contra um inimigo – cujo objetivo seria destruir a família tradicional e dividir o país. Contudo, outro inimigo se destaca nas mensagens que compõem a amostra deste estudo: o feminismo.

Para além de um sentimento contrário à população LGBTQIA+ e às suas reivindicações, o antifeminismo também se destaca como uma narrativa comumente acionada nas mensagens que circulam na rede bolsonarista no WhatsApp. Vislumbrado como uma repulsa a tudo que é considerado feminista, o antifeminismo aparece por meio de trechos, como "feminazis nuas, peludas cagando no meio da rua", "feminismo e machismo são atrasos" e "o feminismo NÃO protege a mulher". Alguns pontos se destacam nas mensagens que carregam este teor: a) a deturpação e simplificação do que seria o feminismo como estratégia discursiva; b) e a construção do feminismo e, sobretudo, das feministas enquanto desviantes, assim como ocorre com a população LGBTQIA+.

Sobre o primeiro tópico, é interessante observar que a simplificação e deturpação do feminismo e das suas reivindicações ocorre embora o campo feminista seja assumidamente plural e diverso, com distintas vertentes, agendas e práticas. De modo similar à estratégia adotada junto ao termo "ideologia de gênero", o feminismo é mobilizado enquanto uma categoria acusatória, reduzida à luta pelo aborto e a um suposto ódio aos homens.

Esta simplificação, mais do que negar a complexidade do campo feminista, constrói uma imagem deturpada e negativa das suas ações. A oposição binária entre feminismo e machismo, como se estes fossem opostos equivalentes, é um exemplo desta estratégia discursiva. Trata-se, assim, de reduzir conceitos, discussões e práticas complexas, facilitando o processo de unificar o feminismo em torno de um inimigo a ser temido e combatido.

Inimigo este que teria ainda dividido a sociedade, separando homens e mulheres e construindo

uma realidade que não seria a correta e que, sob este ponto de vista, fugiria, inclusive, dos ideais cristãos de sociedade. Isso se torna explícito ao verificarmos que das 36 mensagens do *corpus* analisado que fazem referência à religião, 29 constam nesta categoria (80%). A moral cristã é, nesse sentido, mobilizada como uma forma de respaldar os argumentos contrários ao feminismo e à população LGBTQIA+, afinal, "Deus fez o homem e a mulher e ponto final".

Há, ainda, nas mensagens que carregam um teor antifeminista, uma argumentação centrada na defesa de uma igualdade que nega diferenças. Segundo este ponto de vista, as reivindicações construídas em torno das desigualdades experienciadas por mulheres apenas reforçariam tais desigualdades. Em resumo, um dos argumentos que embasa o antifeminismo é: se somos todos iguais, por que as políticas públicas, por exemplo, devem ser diferentes?

Na rede bolsonarista no WhatsApp, o argumento é mobilizado para tratar do feminismo e de outros campos, como o antirracista, por exemplo. A mensagem abaixo explicita esta questão ao abordar a aprovação de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil à Academia Brasileira de Letras:

[...] O destaque midiático dado a eleição dos dois novos imortais da ABL, com foco no fato dela ser uma mulher e dele ser um negro, desperta algumas reflexões... No Brasil o combate ao racismo, promove o racismo, e o combate ao preconceito, promove o preconceito? Qual deveria ser o critério para se escolher um imortal para a Academia Brasileira de Letras? O mérito de sua obra literária, apenas. [...] Mas Fernanda Montenegro teve? Ela foi escolhida por ser mulher? [...] Comemorar a eleição de um imortal da ABL por ser mulher ou um negro, revela uma utopia de insanidade intelectual. [...] O racismo e o feminismo, são apenas pautas identitárias progressistas, usadas para manipulação de massas [...].

Nessa esteira, a deturpação e a simplificação das pautas feministas se relacionam diretamente com o segundo ponto observado nas mensagens que carregam um teor antifeminista: a construção destes sujeitos enquanto desviantes. Como defendia Faludi já em 2009, o chamado "refluxo antifeminista" constrói a imagem de que o feminismo seria o real inimigo das mulheres e

de toda a sociedade. A partir disto, seria possível legitimar e autorizar o conservadorismo de gênero, "angariando recrutas para que lutem contra a sua própria causa" (2009, p. 18). O desvio, também presente na cobertura jornalística brasileira sobre o feminismo (Sarmiento, 2017), retorna aqui em nova roupagem, circulando de forma mais agressiva e valendo-se das próprias características da plataforma utilizada.

Esta construção, que aqui se aplica ao feminismo, à população LGBTQIA+ e às suas respectivas reivindicações, pode ser vislumbrada a partir de algumas estratégias citadas por Cohen (1972), como a disseminação de informações falsas e/ou exageradas, de modo a atribuir sentidos negativos e estereotipados sobre um grupo, construindo "uma advertência visível do que não devemos ser" (1972, p. 10). Assim, as "feminazis" que estariam "cagando no meio da rua", bem como a travesti que teria "espancado uma estudante ao ser criticada por entrar no banheiro feminino" configuram o que deve ser temido, abolido, o oposto a uma "mulher de verdade".

4.2 Mensagens sobre "mulher traidora ou violenta"

Outra categoria que vai de encontro a estas estratégias é aquela que enquadra mulheres como seres violentos, traidores, capazes de cometer atrocidades. Assim, o tema "mulher violenta e traidora", que aparece em cerca de 22% das mensagens analisadas, recorre a formas discursivas similares àquelas empreendidas contra a população LGBTQIA+, sobretudo transsexuais e travestis. A diferença é que, nesta categoria, as mensagens não tratam destes grupos em específico, falando assim sobre "mulheres" sem referências à identidade de gênero ou sexualidade.

Aqui, são comuns mensagens como: "Mulher coloca chumbinho na sonda do marido internado para ficar com dinheiro", "Mulher alemã mata cinco filhos após ver ex-marido com namorada" e "'Sufoquei com as mãos', diz mãe que matou e jogou filho no lixo". Esses textos focam, sobretudo, no perfil violento de mulheres atentando contra filhos, homens com os quais possuíam

algum relacionamento e/ou seres indefesos, como crianças e animais. Surpreende haver tantas mensagens que ressaltam crimes cometidos pelas mulheres quando se observa os índices alarmantes de violência contra as mulheres, em suas diversas formas, na sociedade brasileira. Pesquisa de 2021 do Datafolha para o Fórum Brasileiro de Segurança Pública informa que uma em cada quatro mulheres brasileiras a partir de 16 anos já foi vítima de violência.⁸

Não cabe a este estudo verificar a veracidade destas informações, mas é interessante notar que há uma certa inversão a partir destas mensagens. Esta estratégia, que pode ser vista, por exemplo, em falas que ironizam a possível existência de uma "Lei João da Penha", corrobora o entendimento de que as mulheres não seriam as únicas violentadas – de modo similar à argumentação que sustenta a existência de um "racismo reverso". Se os homens costumam ser retratados como másculos e viris, nesta categoria, se projetam sobre as mulheres características relacionadas à perversidade, à vingança e à violência, como explícito na mensagem abaixo.

Mulher joga água fervendo nas partes íntimas do ex marido enquanto ele dormia no Orgulho do Madeira _Logo em seguida a mulher se armou com uma faca e afirmou que iria lhe matar para que ele não fosse de mais ninguém... <https://jhnoticias.com.br/policia/mulher-joga-agua-fervendo-nas-partes-intimas-do-ex-marido-enquanto-ele-dormia-no-orgulho-do-madeira/> Siga o perfil do 'JH Notícias' no Instagram <https://www.instagram.com/jhnoticias/>.

Um ponto que se destaca nestas mensagens é a alta incidência de *links* para portais de notícias, geralmente associados à circulação e à divulgação de informações fraudulentas: das 47 mensagens com esta temática, 44 carregam *links* (93%). Desse modo, tais mensagens são construídas em caráter de urgência, anunciando e convidando os sujeitos a, enfim, desmascaram tais mulheres – “*Urgente *Mulher esquarteja marido, guarda na geladeira e é solta* 🗑️ <https://www.noticiasdebrasil.com/2021/11/mulher-es->

[quarteja-marido-guarda-na.html](#)".

Ao associar os signos da violência e perversão às mulheres, a noção de que estas seriam sujeitos desviantes é, mais uma vez, construída. Neste caso, não por defenderem pautas feministas ou por serem transexuais, por exemplo, mas por serem capazes de cometer atrocidades. Esta estratégia parece, portanto, amenizar as violências recorrentemente cometidas por homens contra mulheres, demonstrando que, em uma suposta igualdade, estas não ficariam para trás.

4.3 Mensagens sobre “mulher ideal”

O terceiro eixo argumentativo presente no *corpus* analisado (29%) se apresenta como um “protocolo” de como as mulheres deveriam ser ou agir. Se nas categorias anteriores a marca mais forte era a crítica ao comportamento expresso, aqui as mensagens propõem normas de conduta às mulheres, se aproximando diretamente ao que discutimos sobre o conservadorismo de gênero (Biroli *et al.*, 2020). A defesa de um modelo específico a ser seguido em contraposição aos discursos feministas ou LGBTQIA+ aparece de forma reiterada nos grupos analisados. A necessidade da construção de uma família heterossexual é reforçada, seja para entender os motivos de “as mulheres modernas não conseguem casamento”, seja nas diferentes frases, provérbios e demais prescrições compartilhadas, a exemplo de: “A coisa mais extraordinária do mundo é um homem comum, uma mulher comum e seus filhos comuns”, uma frase ilustrativa dos modelos de relacionamento e família acionados.

Os principais elementos mobilizados nas postagens destacam as formas de exposição e uso do corpo das mulheres, as justificativas e recomendações religiosas para os comportamentos femininos junto de prescrições de quais seriam os lugares reservados a elas. Para além disso, coadunando com as defesas de tal pauta pelo ex-presidente e seus eleitores, as mensagens em menor número também trazem a defesa do armamento – “As mulheres não precisam de lei

⁸ VISÍVEL e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 3. ed. [S. l.]: Fórum Brasileiro de Segurança Pública: DataFolha, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2022.

do feminicídio, elas precisam é de uma Glock 43 gmm". Este é um achado que se aproxima do que encontraram Sarmiento *et al.* (2023), ao analisarem a comunicação política das deputadas de direita, as quais também acionam o armamento como forma de combate à violência contra as mulheres.

Os textos reiteram que havia um passado em que as mulheres "correspondiam" às expectativas sociais criadas sobre/para elas, de forma diferente do que se vê nos dias atuais. O excerto a seguir exemplifica e resume esse argumento, também presente em várias interações cotidianas para além dos grupos do *chat*, e percebe-se a crítica quando tais comportamentos são alvos de mudanças – "Geração de ouro as mulheres sabiam se vestir e se comporta (sic) essa geração de hoje está perdida 😞".

A comparação entre as "mulheres de verdade" e as feministas, que já figurou no campo midiático há décadas (Sarmiento, 2017), retorna ainda mais forte nos grupos, com linguagem mais agressiva. Na mensagem abaixo, a cantora Anitta (já alvo de apoiadores do ex-presidente em outros momentos, como mostram Prado *et al.* [2020]) é antagonizada com uma suposta tenente⁹, a partir da sua expressão corporal, do gênero musical de seu trabalho e de sua adjetivação como feminista.

EMPODERAMENTO FEMININO 🍷 De um lado, a Tenente Vitória Cavalcante, da força Aérea Brasileira, com apenas 23 anos tornou-se a primeira mulher a pilotar um helicóptero MI-35 AH-2 de ataque no mundo. Do outro, Anitta, feminista, cantora de funk, tatuagem no rabo e crítica do Governo Bolsonaro. Adivinha quem é o símbolo de empoderamento feminino? RIDÍCULO E VERGONHOSO! 🤡 🤡 🤡 🤡 🤡

A religião também é trazida para a construção discursiva da mulher ideal em contraposição às feministas. "A mulher que teme ao Senhor, essa será louvada", diz um das postagens em alusão àquelas cujo comportamento se alinham ao apregoado por doutrinas cristãs. A religião é também o principal elemento para a crítica à descriminalização do aborto, tema que tangencia as postagens. Em uma das mensagens, o vídeo

de uma ativista "pró-vida" é compartilhado junto do texto "Como é bom saber disso! Que o nosso Brasil saiu do domínio das trevas esquerdistas que promoviam mortes de seres inocentes, para essa nova era de RESPEITO À VIDA, seguindo diretrizes do Governo Bolsonaro!", junto das hashtags, "#abortonão #vida #bolsonaroreeleito #selvabrazil #mulheresconservadoras".

A forma mais recorrente dentre as mensagens de posicionar as mulheres nos espaços que consideram femininos é reafirmando o cuidado, a família e os afazeres domésticos como os lugares "próprios" delas. O *link* do vídeo com a música "Mulher nota 1000" compartilhado dentre as mensagens analisadas é bastante ilustrativo dessa perspectiva: "Mulher nota mil é a mãe dos meus meninos, não tenho nada de santo mas pra ela sou divino. Lava e passa a minha roupa, limpa a casa e cozinha. Toma dois banhos por dia, está sempre cheirosinha". Esse lugar volta a ser mencionado, em outra mensagem, a partir da sugestão de que era melhor uma mulher ativista ter "ficado em casa, cuidando de seus afazeres".

Mulher, esquerdista PSOL, tentar arrancar a Bandeira do Brasil do mastro de frente do Comando da Marinha em Belém - PA. Mas, não conseguiu. Ela agiu alegando que a Marinha 'é Bolsonaro'. Mesmo com todo o cuidado dos militares, a senhora passou mal, desmaiou e, segundo as últimas notícias, infartou e morreu na UPA! OLHA O RESULTADO DESSA ALIENAÇÃO IDEOLÓGICA QUE, INFELIZMENTE, VIVE NOSSO PAÍS. QUEM PROCURA ACHA, É FATO. SE ESSA POBRE SENHORA TIVESSE FICADO EM CASA, CUIDANDO DE SEUS AFAZERES, ISSO NÃO TERIA ACONTECIDO E, MUITO PROVAVELMENTE, ESTARIA VIVA PARA DAR SEGUIMENTO A SUA VIDA [...].

No *corpus* analisado, como mostra o texto abaixo, mulheres valorizadas são aquelas que se alinham assim às múltiplas tarefas em prol de suas famílias, cuidadoras e servis (o garçom), coisificadas (o despertador) e sempre à disposição (sem dia de folga).

Olha que texto lindo!! 'Somos como o Sal' Vc é mãe, Vc é mulher, Vc é filha, Vc é o despertador, Vc é a cozinheira, Vc é a empregada

⁹ PRATA, Pedro. Piada que apresenta Taylor Swift como tenente da FAB engana usuários do Facebook. *Estadão*, [S. l.], 12 ago. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/taylor-swift-tenente-helicoptero>. Acesso em: 18 jul. 2023.

doméstica, Vc é a professora, Vc é o garçom, Vc é a babá, Vc é a enfermeira, Vc é uma trabalhadora braçal, Vc é a agente de segurança, Vc é a conselheira, Vc é o edredom, Vc não tem feriados, Vc não tem licença por doença, Vc não tem dia de folga, Vc trabalho dia e noite, Vc da plantão o tempo todo, Não recebe salário e... Ainda escuta a frase... "Mas o que você faz o dia inteiro?" Dedicado a VC mulher que dá sua vida pelo bem estar de suas famílias 🍷 Mulher é como sal Sua presença nunca é lembrada, mas sua ausência faz todas as coisas ficarem sem sabor! Passe para todas as mulheres encantadoras da sua vida.... sua mãe... sua filha... sua irmã... sua amiga...sua cunhada... Lutadora, linda, tudo de bom"! "Te admiro!" Pela sua garra, luta, persistência, principalmente pela paciência, generosidade e pela sua sabedoria. _"Prêmio mulher bem mais que Vitoriosa!! Escolha mulheres em seu zap, que você acha que merecem o título de _"Mulher Vitoriosa"

Os excertos mobilizados aqui são indicativos importantes acerca de como as compreensões sobre papéis sociais de gênero, em especial o "lugar da mulher", são compreendidos pela rede de grupos de apoiadores do presidente Bolsonaro. Eles permitem observar o que a literatura identifica como "uma narrativa da crise que tem como lócus a família" (Biroli *et al.*, 2020, p. 26) e a responsabilidade de sua desestruturação a partir das mudanças engendradas pelo comportamento das mulheres. No contexto de neoliberalização e de enxugamento do Estado (Brown, 2019), pesa ainda mais sobre os ombros das mulheres as possíveis falhas nas responsabilidades para com suas famílias, construídas aqui como um "espelho das tradições morais cristãs" (Biroli, 2020, p. 151).

Considerações finais

Este texto se voltou à análise de mensagens sobre mulheres que circularam em 70 grupos bolsonaristas no último trimestre de 2021. A pesquisa se ancora nas discussões da teoria feminista que têm entendido o conservadorismo de gênero como um ponto central dos governos recentes de direita, bem como da construção da subjetividade de seus apoiadores. Quando a mídia tradicional, após muito enfrentamento da sociedade civil organizada, já não comporta discursos explicitamente preconceituosos, o WhatsApp se torna assim um *lócus* "privilegiado" para essa circulação.

Ao analisarmos qual o lugar discursivo reservado às mulheres nesses grupos, três eixos se destacam: o ataque a sujeitos e pautas feministas e LGBTQIA+, discursos sobre as mulheres enquanto violentas e traidoras e a construção de padrões ideais sobre o feminino. Percebemos a presença massiva de mensagens que reforçam a necessidade de manutenção de papéis tradicionais de gênero, associando-as aos afazeres domésticos e à maternidade, com reiterada defesa da família heterossexual.

Conforme mencionado no texto, trata-se de uma amostra a partir de um acontecimento específico, mas dadas às reiteradas declarações discriminatórias envolvendo o ex-presidente Bolsonaro, membros do seu governo e apoiadores, entendemos que a replicação desta pesquisa e de suas categorias em outras temporalidades pode contribuir para uma melhor compreensão sobre as relações entre o conservadorismo de gênero e as interações sociopolíticas ordinárias via WhatsApp.

Os resultados da análise das mensagens revelam algumas das principais conclusões desta pesquisa. Primeiramente, fica evidente a circulação de mensagens que promovem a população LGBTQIA+ como inimiga da família, das religiões cristãs e do Estado, associando suas reivindicações à suposta "ideologia de gênero" e à destruição da família tradicional. Essa narrativa engaja os interlocutores dos grupos bolsonaristas no WhatsApp em uma luta contra um inimigo comum, contribuindo para a polarização política e a divisão do país.

O antifeminismo surge como uma narrativa recorrente nessas mensagens, simplificando e deturpando as pautas e reivindicações do movimento feminista. A simplificação desconsidera a pluralidade e a diversidade do campo feminista, reforçando estereótipos e conceitos calcados no senso comum, em detrimento da compreensão aprofundada das lutas feministas. Paralelamente, há a construção de representações negativas das mulheres, associando-as à violência e à perversão. Tal estratégia busca amenizar as violências cometidas por homens contra as mulheres,

desviando o foco e perpetuando estereótipos negativos.

As mensagens analisadas apontam a imposição de normas de conduta às mulheres, alinhadas ao conservadorismo de gênero. Essas normas são reforçadas por meio da exposição e uso do corpo feminino, justificativas religiosas, prescrições sobre os lugares e papéis reservados às mulheres. Destarte, essa imposição de um modelo específico de comportamento vai de encontro às lutas feministas e à promoção da igualdade de gênero.

Por fim, é importante ressaltar que, mesmo em menor número, algumas mensagens também defendem o armamento como uma suposta solução para as mulheres, negligenciando a necessidade de leis de proteção e combate a violência de gênero. Mensagens desse tipo refletem a influência do ex-presidente e seus eleitores na promoção de políticas e discursos relacionados ao armamento, frequentes durante toda a gestão de Bolsonaro.

Referências

AUMENTA em 1.200% a participação de CACs em ocorrências envolvendo Lei Maria da Penha. *In: Partido dos Trabalhadores*. [S. l.], 22 mar. 2023. Disponível em: <https://pt.org.br/aumenta-em-1-200-a-participacao-de-cacs-em-ocorrencias-envolvendo-lei-maria-da-penha>. Acesso em: 18 jul. 2023.

BIROLI, F. *et al.* **Gênero, neoconservadorismo e democracia**: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

BIROLI, F. O público e o privado. *In: BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015. p. 31-46.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018a.

BIROLI, F. Reação conservadora, democracia e conhecimento. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 61, n. 1, p. 83-94, 2018b.

BIROLI, F. Gênero, "valores familiares" e democracia. *In: BIROLI, F.; VAGGIONE, J. M.; MACHADO, M. das D. C. Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020. p. 135-188.*

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

CARREIRO, R.; GOMES, W. Discussão política online no Brasil: Ocorrência e manutenção da discordância política no Facebook. *In: COMPOLÍTICA*, 7., 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: 2017.

CHADWICK, A. Digital network repertoires and organizational hybridity. *Political Communication*, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 283-301, 2007.

CHAGAS, Viktor. Dolce farmeme: a retórica da brincadeira política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 38, p. 1-15, 2023.

CHAGAS, V. Eleições no WhatsApp: a atuação de redes conservadoras em ambientes de campanha opaca e ecossistemas midiáticos híbridos. *In: CONGRESO INTERNACIONAL ALAS*, 32., 2019, Lima. **Anales [...]**. Lima, Peru, 2019.

CHAGAS, V. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72, p.169-196, jan./abr. 2021.

CHAGAS, V.; CARREIRO, R.; SANTOS, N.; POPOLIN, G. Far-right digital activism in polarized contexts: A comparative analysis of engagement in hashtag wars. *Media and communication*, [S. l.], v. 10, n. 4, p. 42-55, 2022.

CHAGAS, V.; MODESTO, M.; MAGALHÃES, D. O Brasil vai virar Venezuela: medo, memes e enquadramentos emocionais no WhatsApp pró-Bolsonaro. *Esferas*, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 1-17, 2019.

CHIODI, H. Ao contrário do que Bolsonaro disse, feminicídio aumentou em seu governo. *In: Hoje em Dia*. [S. l.], 28 out. 2022. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/politica/ao-contrario-do-que-bolsonaro-disse-femicidio-aumentou-em-seu-governo-1.929509>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CLÉBICAR, T.; BRASILIENSE, D. "Nosso gênero vem de Deus": Normatividade heterossexual e cisgênera em vídeos religiosos infantis no YouTube. *ALCEU*, [S. l.], v. 21, n. 45, p. 72-91, 2021.

COHEN, S. Deviance and moral panics. *In: COHEN, S. Folk Devils and Moral Panics*. Londres: Routledge, 2011. p. 45-64.

CORREA, S. (ed.). **Políticas antigênero na América Latina**: resumos dos estudos de casos nacionais. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinas de Aids – ABIA, 2021.

D'ANDRÉA, C. Para além dos dados coletados: Políticas das APIs nas plataformas de mídias digitais. *Matrizes*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 103-122, 2021.

DOURADO, T. **Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 2020.

EVANGELISTA, R.; BRUNO, F. WhatsApp and political instability in Brazil: targeted messages and political radicalisation. *Internet Policy Review*, [S. l.], v. 8, p. 1-23, 2019.

FALUDI, S. **Backlash**: The undeclared war against American women. New York: Crown, 2009.

FEITOSA, C. Do "Kit Gay" ao "Ministério da Família": a desinstitucionalização das políticas públicas LGBTI+ no Brasil. **Cadernos de gênero e tecnologia**, [S. l.], v. 14, n. 43, p. 74-89, 2021.

FEMINICÍDIOS batem recorde, enquanto Bolsonaro corta verba de combate à violência contra a mulher. *In: Rede Brasil Atual*. [S. l.], 7 dez. 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/femicidios-batem-recorde-enquanto-bolsonaro-corta-verba-de-combate-a-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JUNQUEIRA, R. D. "Ideologia de gênero": a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma "ameaça à família natural"? *In: RIBEIRO, P.; MAGALHÃES, J. (org.)*. **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

KOVÁTS, E.; PÖIM, M (org.). **Gender as symbolic glue: the position and role of conservative and far right parties in the anti-gender mobilizations in Europe**. Budapest: FEPS – Foundation for European Progressive Studies; Friedrich-Ebert-Stiftung, 2015.

LARSSON, A. The rise of Instagram as a tool for political communication: A longitudinal study of European political parties and their followers. **New Media & Society**, [S. l.], v. 25, n. 10, p. 2744-2762, 2021.

LIMA, R. WhatsApp está em 99% dos celulares do Brasil, diz pesquisa. *In: TecMundo*. [S. l.], 28 fev. 2020. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/150647-whatsapp-99-celulares-brasil-diz-pesquisa.htm#:~:text=WhatsApp%20est%C3%A1%20em%2099%25%20dos.do%20Brasil%2C%20diz%20pesquisa%20%2D%20TecMundo>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LIONÇO, T.; ALVES, A. C.; MATTIELLO, F.; FREIRE, A. M. Ideologia de gênero: estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 599-621, 2018.

MASSUCHIN, M. G.; TAVARES, C. Q.; MITOZO, I. B.; CHAGAS, V. A estrutura argumentativa do descrédito na ciência: uma análise de mensagens de grupos bolsonaristas de WhatsApp na pandemia da COVID-19. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 160-174, 2021.

MATOS, M.; PARADIS, C. Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 43, p. 57-118, 2014.

MELLO, P. **A máquina do ódio**: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **Caleidoscópio convexo**: mulheres, política e mídia. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MONT'ALVERNE, C.; MITOZO, I. Muito além da mamadeira erótica: As notícias compartilhadas nas redes de apoio a presidentiáveis em grupos de WhatsApp, nas eleições brasileiras de 2018. *In: COMPOLÍTICA*, 8., 2019, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2019.

MOURA, M.; MICHELSON, M. R. WhatsApp in Brazil: mobilising voters through door-to-door and persona messages. **Internet Policy Review**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 1-18, 2018.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita**: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Editora Zahar: Companhia das Letras, 2020.

OKIN, S. M. Gênero: o público e o privado. **Revista estudos feministas**, [S. l.], v. 16, p. 305-332, 2008.

PEREIRA, M. Políticas para LGBTI+ no governo federal: ascensão e queda. *In: Nexo*. [S. l.], 19 abr. 2022. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2022/Pol%C3%ADticas-para-LGBTI-no-governo-federal-ascens%C3%A3o-e-queda>. Acesso em: 30 mar. 2023.

PIAIA, V.; ALVES, M. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. **Intercom**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. 135-154, 2020.

POPOLIN, G. **Anticomunismo no Brasil contemporâneo**: o mito do comunismo em memes de internet. Curitiba: Appris, 2023.

POPOLIN, G. Masculinizar a mulher e feminilizar o homem: o conluio entre LGBT+ e a esquerda para implantar a "ideologia de gênero" no Brasil. *In: COMPÓS*, 30., 2021, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2021b.

POPOLIN, G. Projeto maléfico: a sexualização de crianças e o pânico moral difundidos no WhatsApp bolsonarista. *In: COMPOLÍTICA*, 9., 2021, [S. l.]. **Anais [...]**. 2021a.

PRADO, D. *et al.* Anitta, #elenão e as cobranças por representatividade e coerência. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 9, p. 1-28, 2020.

SABBATINI, L. "Feminista nem é gente": uma análise sobre o antifeminismo em grupos bolsonaristas no WhatsApp. *In: ENCONTRO ANUAL ANPOCS*, 44., 2020, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2020. p. 1-20.

SABBATINI, L. **Chatbots Feministas**: um estudo de caso das robôs Fabi Grossi e Beta Feminista. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

SAMPAIO, R. C.; NICHOLS, B. W.; KLEINA, N. C. M.; MARIOTO, D. J. F. A produção de artigos e papers apresentados em eventos acadêmicos brasileiros sobre o YouTube na área de Internet & Política entre 2005 e 2019. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021.

SANTOS, J. G. B. dos. "Mobile Networks and the Brazilian 2018 Presidential Election: From Technological Design to Social Appropriation." **Brazilian Studies Program One Pager**, Oklahoma, n. 2, p. 1-2, 2019.

SANTOS, J. G. B. dos; FREITAS, M.; ALDÉ, A.; SANTOS, K.; CUNHA, V. C. C. WhatsApp, política mobile e desinformação: A hidra nas eleições presidenciais de 2018. *In: Impactos político-comunicacionais nas eleições brasileiras de 2018*. CERVI, E. U.; WEBER, M. H. (org.). Curitiba: CPOP: Carvalho Comunicação, 2021. p. 113-135.

SANTOS, J. G. B.; SANTOS, K. Das Bancadas ao WhatsApp: Redes de Desinformação como Arma Política. *In: GALLEGO, E. S. (org.). Brasil em colapso*. 1. ed. São Paulo: Unifesp, 2019. v. 1, p. 45-60.

SARMENTO, R. **Das sufragistas às ativistas 2.0**: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016). 2017. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SARMENTO, R. Mídia, gênero e política: Um balanço das pesquisas nacionais. *In: MIGUEL, L. F.; BALLESTRIN, L. (org.). Teoria e Política Feminista*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020. p. 179-195.

SARMENTO, R. *et al.* A comunicação digital e as pautas das deputadas brasileiras “de direita” no Instagram. **Terceiro Milênio**: Revista Crítica de Sociologia e Política, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 59-83, 2023.

SOARES, F. **Polarização, fragmentação, desinformação e intolerância**: dinâmicas problemáticas para a esfera pública nas discussões políticas no Twitter. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

VACCARI, C.; VALERIANI, A. Digital Political Talk and Political Participation: Comparing Established and Third Wave Democracies. **Special Collection**: SMaPP Global, Special Issue, p. 1-14, 2018.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society**: Public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VASCONCELOS, C. Os retrocessos para população LGBT+ em 2019. *In: Ponte*. [S. l.], 30 dez. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/os-retrocessos-do-governo-bolsonaro-para-lgbt-em-2019/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

VERENICZ, M. Orçamento de combate à violência contra mulheres foi reduzido na gestão Bolsonaro. **Carta Capital**. [S. l.], 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/orcamento-de-combate-a-violencia-contra-mulheres-foi-reduzido-na-gestao-bolsonaro>. Acesso em: 18 jul. 2023.

Guilherme Popolin

Mestre em Comunicação, Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo e especialista em Comunicação com o Mercado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), em Londrina, PR, Brasil. Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil.

Leticia Sabbatini

Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), em Niterói, RJ, Brasil. Pesquisadora na Fundação Getúlio Vargas (FGV), na Escola de Comunicação, Mídia e Informação (ECMI). Associada ao Laboratório de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB/UFF). Doutoranda no PPGCOM/UFF, onde integra a linha de pesquisa Estéticas e Tecnologias da Comunicação.

Rayza Sarmiento

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, MG, Brasil. Professora Adjunta da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, PA, Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Gênero, Comunicação, Democracia e Sociedade (GCODES) – vinculado ao CNPq – e pesquisadora associada ao Margem/UFMG – Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça.

Endereços para correspondência

Rayza Sarmiento

Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política
Rua da Reitoria
Universitário, 66075-110
Belém, PA, Brasil

Guilherme Popolin/ Leticia Sabbatini

Universidade Federal Fluminense
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Rua Lara Vilela, 126
São Domingos, 24210-590
Niterói, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.